



APRESENTAÇÃO

MENTE AFETIVA

A emoção é um dos aspectos mais importantes para a qualidade de nossas vidas e o significado de nossa existência. Muito foi aprendido sobre o papel da emoção nas últimas décadas, e ainda muito mais está sendo descoberto, conceituado e compreendido. É por isso que este foi escolhido como o tópico central da 11ª edição do Colóquio Internacional sobre Filosofia da Mente, “A Mente Afetiva”, que ocorreu na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, de 6 a 8 de novembro de 2023.

Esta coleção especial de ensaios foi organizada a partir do 11º Colóquio. A maioria dos artigos contidos aqui foram selecionados como algumas das contribuições mais interessantes apresentadas por palestrantes convidados no evento, enquanto outros foram contribuições voluntárias de acadêmicos que trabalham no tópico da emoção de perspectivas inovadoras e criativas. Juntos, esses artigos exploram e ajudam a esclarecer o lugar da emoção na topografia da mente, amplamente compreendida, dentro da estrutura conceitual oferecida pela filosofia da mente contemporânea. Pesquisas recentes neste campo, bem como em psicologia, psiquiatria e neurociências têm dedicado atenção crescente ao papel desempenhado por estados afetivos na linguagem, experiência, cognição e ação. Este volume oferece contribuições valiosas para acadêmicos que desejem compreender e discutir várias dessas descobertas.

A coletânea é pluralista, na medida em que espaço foi dado a diferentes concepções de emoção e a uma miríade de tópicos pertinentes a estados afetivos.

Em “A percepção afetiva de affordances”, **Eros Carvalho** argumentou a favor de que a noção de *affordances* seja compreendida como uma relação entre ambiente e habilidades de um organismo individual, e mostrou que tal entendimento em si e por si fornece recursos suficientes para uma compreensão adequada da afetividade. Segundo o autor, afetos são habilidades perceptuais e ao mesmo tempo modulam a percepção, de modo que toda percepção de *affordance* é afetiva em algum grau.

O tema da intersubjetividade em sua sobreposição com o tema das emoções é abordado por **Juliana Fagundes** no artigo “Um estudo das emoções na constituição da linguagem e da mente: a segunda pessoa”. A autora argumentou que a atribuição de estados mentais proposicionais às outras pessoas viabiliza relacionamentos interpessoais por meio de uma linguagem complexa e articulada, de modo que na base de tais atribuições estão as interações de segunda pessoa, presenciais, corpo-a-corpo, em que as emoções de um dos envolvidos são diretamente alteradas pela expressão emocional do outro.

Ainda neste domínio da cognição social, mas aplicado às narrativas, **Pedro Dolabela Chagas** procura elucidar o processo de afetivização presente na leitura de narrativas ficcionais. Tendo em vista a complexidade deste fenômeno, o autor leva em conta não apenas diferentes mecanismos, emocionais e cognitivos, subjacentes a este processo de afetivização, mas também diferentes teorias, cada qual com um enfoque preciso, a saber: desde a teoria da consciência de Michael Graziano, passando pela semiótica de Kockelman, Asma e Gabriel, pela *folk psychology* de Zunshine e Hutto, até a imaginação corporificada proposta por Marco Caracciolo.

Já no artigo “Maquinaria Experiencial e Computabilidade”, **Leonardo Lana** introduz uma perspectiva computacional e enativa para o estudo das emoções, argumentando que a máquina proposta por Maturana & Varela é equivalente à máquina de Turing. A chamada Máquina de Turing Enativa é caracterizada como capaz de funcionar como maquinaria experiencial, isto é, como mecanismo explicativo capaz de produzir autoconsciência, o que inclui estados afetivos.

Um outro papel interessante é atribuído às emoções na explicação de certas crenças e atitudes religiosas. Em “Crenças Místicas e Estados Afetivos”, **Veronica Campos** argumenta que a proeminência de emoções fortes, como a alegria e o êxtase, numa classe especial de experiências, as chamadas experiências místicas, é parte do que explica porque as crenças religiosas derivadas de tais experiências tendem a se cristalizar e perpetuar. O artigo enfatiza que o tema das emoções tem sido pouco explorado dentro do ramo da ciência cognitiva que se dedica ao estudo da religião, a chamada ciência cognitiva da religião, e indica avenidas para investigação futura.

Mas nem todas as perspectivas abordadas aqui são otimistas em relação ao papel das emoções como solução para problemas filosóficos que surgem no estudo da mente e da cognição. Em especial, **Carlos Barth**, no artigo “Is there a place for emotions in solutions to the frame problem?”, argumenta que, apesar de tentativas recentes de solucionar o chamado “frame problem” através das emoções, tais tentativas falham e são incapazes de solucionar o problema. O “frame problem”, tal como articulado por Carlos, diz respeito ao problema de como um sistema cognitivo sabe o que é ou não relevante em uma determinada circunstância para guiar

inferências e comportamentos bem-sucedidos. O artigo clarifica o que está em jogo no “frame problem” e argumenta que emoções não são capazes de resolvê-lo, visto que emoções elas mesmas são sensíveis ao contexto e portanto sujeitas a seu próprio tipo de “frame problem”.

Abordagens recentes em filosofia da mente e das ciências cognitivas têm enfatizado que a cognição deve ser entendida como um processo *situado e corporificado*, compreendido em termos de ações habilidosas de um organismo em seu meio. Ou seja, além de processos internos e cerebrais, a cognição incorpora também as modificações diversas que organismos realizam em seu meio externo, que servem para sustentar e ampliar suas capacidades cognitivas. No entanto, embora tais modificações sejam muitas vezes analisadas em termos de seus efeitos cognitivos benéficos, **Felipe Nogueira de Carvalho** e **Joel Krueger** em “Vieses implícitos, hábitos corporificados e nichos de desenvolvimento” argumentam que vieses culturais implícitos podem em alguns casos levar a modificações ambientais que prejudicam o desenvolvimento cognitivo de membros de certos grupos sociais, como mostram estudos empíricos com crianças com autismo e síndrome de Down.

Finalmente, no artigo intitulado “Wat is this pain that I feel? On the importance of the nociceptive system for the interoceptive experience of pain”, **Daniel De Luca-Noronha** procurou demonstrar o papel constitutivo do sistema nociceptivo na compreensão da experiência da dor, especialmente da dor crônica. Diferentemente das teorias que defendem a tese da penetrabilidade cognitiva, o autor entende que há pelo menos duas questões cuja explicação exige o envolvimento do sistema nociceptor. Primeiro, a melhor explicação para a natureza não-conceitual da experiência de dor crônica é a sobrecarga interoceptiva gerada pelo sistema nociceptor. Segundo, descobertas empíricas recentes revelam uma forte relação entre a hipersensibilidade do sistema nociceptor e os episódios de dor crônica.

Daniel De Luca Noronha

(Professor Associado 3 da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE)

Veronica de Souza Campos

(Pesquisadora de Pós-doutorado na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE)

Felipe Nogueira de Carvalho

(Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Lavras – UFLA)

Marco Aurélio Sousa Alves

(Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São João Del Rey –UFSJ)